

Cléopâtre Montandon: percurso intelectual entre a Sociologia da Educação e a Sociologia da Infância

Cléopâtre Montandon: intellectual trajectory between the Sociology of Education and the Sociology of Childhood

Cléopâtre Montandon: trayecto intelectual entre la sociología de la educación y la sociología de la infancia

Cléopâtre Montandon

Université de Genève (Suíça)

Adir Luiz Ferreira

Maria Patrícia Costa de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentação

1

A cidade de Genebra, situada na Suíça romanda - a parte francófona da Suíça -, tem um lugar singular na história da educação: a cidade foi o primeiro lugar no mundo a instaurar o ensino público obrigatório, em 1536. Nesse mesmo ano a cidade adotou a reforma protestante, sob a liderança de Jean Calvin, que é quem fundou, em 1559, a Académie de Genève. Mais tarde, ela se tornaria independente de qualquer afiliação religiosa, e se transformaria em uma instituição laica, a atual Université de Genève (UNIGE).

Entre as figuras emblemáticas ligadas à Genebra, o mais célebre é Jean-Jacques Rousseau. Entretanto, foi em Genebra que nasceram outras personalidades marcantes para a educação, como Édouard Claparède, autor de trabalhos que tiveram profunda influência na psicologia infantil e na pedagogia moderna. Também é de Genebra Albertine Necker de Saussure (1766-1841), escritora e educadora engajada, pioneira na promoção da educação das crianças e das mulheres.

No século XX, Genebra se tornou referência mundial indiscutível em matéria de educação por causa de Jean Piaget, nascido em Neuchâtel, mas que foi professor na Université de Genève de 1929 a 1954. Mais recentemente, o sociólogo Philippe Perrenoud, professor na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UNIGE, de 1984 até 2009, se destacou por seus estudos sobre competências, avaliação e desigualdades escolares, ficando muito conhecido pela sua influência nas reformas educacionais dos anos 1990 no Brasil.

Genebra também acolheu a socióloga de origem grega Cléopâtre Montandon, professora na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UNIGE, de 1984 até 2002. Ela também foi professora convidada na Université du Québec à Montréal, Canadá e na Université de Paris X, França. Montandon desempenhou um papel pioneiro em campos pouco explorados na Suíça francófona, como a sociologia da ciência, a sociologia das emoções e, sobretudo, a sociologia da infância.

2 Suas pesquisas se concentraram sobre a socialização da infância, as relações entre famílias e escolas, as estratégias educacionais dos pais e a atuação das crianças na própria socialização. Sempre procurou aprofundar a compreensão do conceito de socialização, que ela mesma qualificou de “[...] noção polissêmica, *prima* da educação [...], mas que considerava como [...] o fio de Ariane [...]” do seu percurso científico (Montandon, 1998b, p. 1).

Com esta orientação, os estudos de Cléopâtre Montandon estão na interface entre a sociologia da educação e a sociologia da infância, assumindo as crianças como atores sociais ativos, produtores de sentidos e implicados na vida social por suas interações entre pares, com familiares e com professores. Suas pesquisas se basearam na experiência dos indivíduos, sem, todavia, perder de vista a natureza social dessa experiência e as mudanças sociais nas estruturas educacionais tradicionais, como a escola e a família.

É autora de mais de uma dúzia de obras autorais e de mais de sessenta artigos em revistas científicas e contribuições em livros coletivos. Foi a primeira a divulgar em língua francesa os trabalhos em língua inglesa de sociologia da infância (1998, 2006), e contribuiu para o estudo de temáticas inovadoras, como a relação das vivências emocionais das crianças e as representações de sua própria socialização (1992; 1998a; Montandon; Osiek, 1998; 2002), ou ainda, a análise das estratégias educativas das famílias com as crianças

(Montandon; Perrenoud, 1987; 2001; 2005; Kellerhals; Montandon, 1991). Mesmo que ela nunca tenha ido ao Brasil é uma autora muito conhecida nas universidades brasileiras pelos pesquisadores em educação — o que ela modestamente considerava como um “mistério”. De fato, três de seus artigos foram traduzidos para o português (Montandon, 2001; 2005; 2007), os quais tiveram um impacto significativo nos estudos sobre a sociologia da infância e se mantêm como referências fundamentais no assunto.

É nesse contexto, conscientes da importância dos seus trabalhos para a sociologia da educação e para a sociologia da infância, que, no quadro de uma estadia de um ano na Universitat de València (Espanha), tivemos a ideia de convidar Cléopâtre Montandon para uma entrevista. Anteriormente, já utilizávamos seus textos nas discussões de dois grupos de pesquisa do Centro de Educação da UFRN: o grupo ECOS-Escola Contemporânea e Olhar Sociológico, e mais recentemente, o grupo EDUSI-Estudos em Educação e Sociologia da Infância.

Após a aceitação para a entrevista — a primeira que ela concederia a uma revista científica brasileira —, viajamos para Genebra, com o encontro com a professora acontecendo no dia 12 de junho de 2024. Na ocasião, fomos recebidos em sua residência com imensa gentileza, em uma tarde que transcorreu marcada por uma rica conversa, calorosa e de muitos aprendizados, acompanhada de café, biscoitos e chocolates típicos.

O conteúdo desse diálogo com uma pesquisadora eclética — apaixonada pela sociologia, pela antropologia, pela educação e pela história — ilustra o papel importante que ela desempenhou para que se expandisse a compreensão da sociologia da educação e da sociologia da infância, tanto entre pesquisadores francófonos quanto na comunidade científica internacional dessas áreas. A entrevista, gravada, transcrita, revisada e traduzida para o português, foi publicada com a revisão e autorização da própria entrevistada. Também foram acrescentadas referências bibliográficas e notas de rodapé; e foram feitas algumas adaptações do registro oral para um estilo escrito mais claro, se conservando a essência do seu pensamento.

* * * * *

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Começamos por uma breve panorâmica do seu percurso intelectual na sociologia e noutros domínios científicos das ciências sociais e humanas, formação inicial, principais áreas de interesse etc.*

Cléopâtre Montandon: Um dia, alguém me escreveu e disse “você está na Wikipédia!”. Perguntei a mim mesma: como é que entrei na Wikipédia? Alguém havia feito. Depois descobri que havia sido feito por um canadense. Dei uma olhada e não mudei nada, só acrescentei algumas referências e pronto.

Eu nasci em Atenas, em 1941, estudei economia na Université de Genève (Suíça), depois, do outro lado do Atlântico, fiz sociologia na Université de Montréal (Canadá). Mais tarde, em 1968, estava em Nova York, inscrita para um doutorado em antropologia cultural na Columbia University. Defendi a minha tese em 1975, sobre o desenvolvimento da ciência em Genebra no século XIX (*Le développement de la science à Genève aux XVIIIe et XIXe siècles: le cas d’une communauté scientifique*), que ganhou o prêmio Henry-E. Sigerist¹. Mas, antes disso, havia participado na expedição médica à Ilha da Páscoa² em 1964-65, na qual eu era a socióloga da expedição. Esta expedição médica foi organizada pela Universidade McGill, em Montreal, e pela OMS-Organização Mundial de Saúde, liderada por Stanley Skoryna, professor de medicina naquela Universidade. Naquela época, eu ensinava no Loyolla College de Montréal, enquanto estudava sociologia.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Como você escreveu, acabou sendo uma experiência única na sua formação, porque você se deu conta que “[...] os modelos teóricos de socialização unilateral que eu tinha nas minhas bagagens eram inadequados: as crianças ensinavam coisas aos seus pais, eram muitas vezes as mediadoras de usos culturais novos” (Montandon, 1998b, p. 4). O que significou a expedição à Ilha da Páscoa para sua carreira posterior, como isso lhe marcou?*

Cléopâtre Montandon: O meu trabalho nessa expedição era em parte voltado sobre a socialização, a influência dos adultos sobre a infância. Eu percebi que a relação entre os adultos e as crianças podia ser muito diferente da minha ideia inicial, e que, por exemplo, as crianças podiam ensinar muitas coisas aos seus próprios pais. Em outras palavras, que a socialização não era um

processo unidirecional, mas que também implicava igualmente a participação daqueles que estavam sendo socializados. Foi o que aprendi com esta experiência, observando as famílias nativas, indo a casa delas e tendo contato direto com a população.

A expedição foi organizada e dirigida pelo professor Skoryna e era composta por um grande grupo de investigadores, médicos, dentistas, ecologistas etc. O projeto era o de fazer um levantamento geral inédito sobre a ilha. E o plano era retornar à Ilha da Páscoa passados alguns anos, porque naquela época a região ainda estava muito isolada, não havia os turistas que há atualmente. Por isso, este professor achou que seria interessante ver o que aconteceria à saúde das pessoas quando a população insular entrasse em contato com o resto do mundo. Infelizmente não houve seguimento, mas os dados recolhidos foram muito, muito interessantes. Há um livro, escrito por uma hematologista e historiadora canadense sobre essa expedição médica: “Stanley’s Dream. The medical expedition to Easter island” (Duffin, 2019). Para esse trabalho de história da medicina, ela se baseou muito nas minhas anotações, porque eu tinha feito um extenso diário de campo da minha experiência de socióloga na expedição. Por isso, sou frequentemente citada neste livro. De fato, foi o meu único contato com a América do Sul, assim como em outro momento, quando paramos na Colômbia e fomos à Bogotá para falar um pouco sobre a expedição. Depois disso, trabalhei em Genebra como colaboradora científica no departamento de investigação sociológica do Departamento de Instrução Pública, onde desenvolvi estudos sobre a socialização dos jovens e a delinquência, colocando em questão com um novo olhar sociológico a definição de delinquência que estava ligada a uma abordagem funcionalista unilateral da socialização (1974). Mais tarde, como investigadora na Faculdade de Medicina da Universidade de Genebra, realizei pesquisas sobre a perícia psiquiátrica em matéria penal, bem como sobre a representação da justiça penal. Também realizei estudos sobre os atores do sistema penitenciário, sobre os detentos e os seus guardiões na prisão preventiva (Montandon; Crettaz, 1981).

Depois, fui consultora para a Organização Mundial da Saúde (OMS) em uma pesquisa sobre a periculosidade. Queríamos ver até que ponto as avaliações de periculosidade dos juízes e dos psiquiatras diferiam daquelas do cidadão

comum. Fizemos um estudo comparando os pontos de vista e constatamos que a avaliação dos psiquiatras não era a mais fiável e que ela era mais severa do que aquela dos cidadãos (Montandon; Harding, 1984). Da mesma maneira, Harold Garfinkel (2018) nos Estados Unidos, realizou em 1967 uma pesquisa etnometodológica sobre a noção de justiça, do ponto de vista dos jurados. Em resumo, depois que voltei para Genebra, foram esses os domínios ou temas de investigação sobre os quais trabalhei em sociologia e em antropologia.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *E as suas contribuições nos campos da sociologia da educação, a sociologia das emoções, a sociologia da criança, da socialização, da família, da educação etc.?*

Cléopâtre Montandon: A respeito da sociologia das emoções, escrevi um artigo que foi reimpresso na Revue Française de Pédagogie (Montandon, 1992). Na época, Arlie Hochschild (1983) já tinha escrito sobre a sociologia das emoções, mas não havia trabalhos sociológicos em língua francesa. Depois, eu estava particularmente interessada pela infância, pelas crianças e a maneira de compreender as emoções no processo de socialização delas. Sobre a sociedade em geral, fui investigar no campo da sociologia da família e da sociologia da educação; basicamente, os estudos sobre esses temas vieram antes da sociologia da infância, ou seja, somente depois fui me dedicar especificamente à sociologia da infância.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Em vista dessa vasta experiência como socióloga associada às questões das ciências sociais e da educação, gostaríamos de saber quais foram as suas influências, inspirações intelectuais, teorias, pensamentos, interesses pessoais ou científicos?*

Cléopâtre Montandon: Desde o começo, desde muito jovem, eu queria tentar... Sentia-me atraída pelas ciências humanas. Interessava-me pelos fenômenos sociais em geral. Já me questionava. Por que a guerra? Por que o racismo? Por que a pobreza? E mais do que apenas sobre os aspectos individuais, eu queria saber mais. A sociologia parecia poder cobrir estas questões, e, até certo ponto, ser capaz de dar respostas. No entanto, a tradição funcionalista e estruturalista da sociologia, que incomodava muitos sociólogos, incomodava-me a mim também. A visão determinista não é suficiente, é preciso ver também os aspectos individuais, as pessoas em sua vida cotidiana

comum, em suas ações as mais simples. No fundo, é preciso combinar as duas visões. Na época, a sociologia era dominada pela enorme influência de Talcott Parsons (1964), conhecido pela sua ideia consensualista ou funcionalista, e por Pierre Bourdieu. Sentia-me atraída pelas sociologias da ação e da construção social. Sobre a sociologia da infância, em Genebra, tínhamos evidentemente Jean Piaget que dava o tom a tudo que se referia à psicologia e à educação, e que tinha fundado a psicologia do desenvolvimento da criança, se desenvolvendo em várias fases, teoria contestada em seguida pela sociologia da educação e pela sociologia da infância (Montandon, 1996).

Então, de início, eu tinha começado a estudar economia por causa de questões familiares, mas continuei com a sociologia. Porém, não me convencendo com a abordagem funcionalista da sociologia, me aproximei das análises conflitualistas, depois, passei para as abordagens interacionistas. Ao mesmo tempo que levava em conta as estruturas sociais e sua influência sobre os indivíduos, me inclinei igualmente para o estudo das relações sociais, para as interações entre as pessoas e suas próprias representações da realidade social, como nos propunham os estudos da fenomenologia. Portanto, eu era uma pesquisadora eclética, o que nem sempre foi bem-visto pelos meus colegas sociólogos profissionais. Eu tentava combinar várias abordagens, como se pode ver nos trabalhos que eu havia feito, em diferentes domínios da sociologia. Eu estava interessada em aprofundar o olhar sociológico, especialmente em sociologia da educação.

7

Adir Luiz e Maria Patrícia: *E a sua história e experiência com a educação ou a sociologia da educação no Brasil, em especial com reconhecimento de sua contribuição para a sociologia da infância em publicações científicas em português? De fato, você tem três artigos em português que são bastante conhecidos e consultados por pesquisadores e estudantes brasileiros (Montandon; Perrenoud, 2001; 2005; 2007). Como é que isso aconteceu?*

Cléopâtre Montandon: Há uma coisa em particular sobre as repercussões do meu trabalho no Brasil: é um mistério. Um mistério para mim. Em certa ocasião, me inscrevi no site “Academia” (<https://www.academia.edu>). E, de repente, quase todos os dias, passei a receber anúncios de que alguém havia consultado os meus artigos em português, nomeadamente a síntese que fiz do

meu trabalho sobre a sociologia da infância em língua inglesa (Montandon, 2001; original em francês, 1998). Penso que foi muito útil para as pessoas que se interessaram pela sociologia da infância pela primeira vez. Porque lhes dava uma ideia do que tinha sido feito antes na literatura anglo-saxônica, em estudos que não havia em português. Foi a mesma coisa para os franceses, para quem também foi uma maneira de dar acesso a essas obras em inglês.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Uma curiosidade: alguma vez já trabalhou diretamente com pesquisadores brasileiros ou universidades do Brasil, em projetos ou orientações de trabalhos?*

Cléopâtre Montandon: Não, não trabalhei diretamente com colegas ou estudantes brasileiros. Mas, agora, talvez me venha à mente uma outra ideia para explicar essa repercussão no Brasil. Quando estive em projetos de investigação sociológica, na UNIGE, trabalhei com Philippe Perrenoud, que dedicou muitos estudos à sociologia da educação, e sei que ele é muito conhecido no Brasil. Assim, por termos feito coisas juntos, o meu nome apareceu com o dele, por exemplo, quando fizemos estudos sobre a relação entre as famílias e as escolas (Montandon, Perrenoud, 2001).

8

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Sim, e há esse artigo mais recente “Vous dites autonomie? Une brève perception de l’expérience des enfants”, com Philippe Longchamp, traduzido no Brasil, “Você disse autonomia? Uma breve percepção da experiência das crianças” (Montandon, Longchamp, 2007).*

Cléopâtre Montandon: Essa foi outra colaboração, muito mais tarde, quando já tinha começado a fazer a primeira investigação sobre crianças na UNIGE, ou a primeira pesquisa sobre a educação do ponto de vista das crianças. Então, a ideia era justamente ver como as crianças imaginavam a sua autonomia, quais eram as suas representações, suas experiências. Era um conceito novo para mim, o conceito de experiência, com o qual eu trabalhei em maior ou menor grau, para incluir tudo o que acontecia do lado do mundo das crianças durante a própria socialização. E que compreendia, por um lado, a representação das crianças, as suas ideias sobre o que era a educação, fosse ela na escola ou na família, como elas as ressentiam então, quais eram as suas emoções, seja no contexto escolar ou no contexto familiar; igualmente busquei

perceber quais seriam as estratégias que elas desenvolviam, as suas ações como atores sociais enquanto se socializavam, tanto na escola quanto em suas casas. Essa foi a primeira investigação sobre a experiência da socialização entre as crianças, compreendendo representações, emoções e ações.

Depois, fiz outro estudo que foi inspirado nesse primeiro, porque tinha visto que as crianças, com suas formas próprias de interação entre elas, também acabavam construindo autênticas microculturas infantis. Em consequência, as crianças não eram passivas na socialização escolar, porque claramente elas construíam suas culturas próprias nas interrelações. Então, a minha ideia era a de estudar um pouco mais as interações entre as crianças, suas amizades, suas inimizades. Para esse estudo, obtive um financiamento de fundos públicos nacionais, mas acabamos não tendo muitas publicações sobre a pesquisa.

E depois, a última pesquisa foi justamente sobre a autonomia. Pareceu-me que era preciso compreender um pouco mais, focar melhor esta questão da autonomia, como é que as crianças concebiam a sua própria autonomia, ilustrando o processo de socialização do ponto de vista delas. Foi esse artigo em francês, escrito junto com Philippe Longchamp, um sociólogo que era assistente de pesquisa na Universidade de Genebra, que foi traduzido para o português (Montandon; Longchamp, 2007). Um outro artigo que também foi publicado em português, “Les pratiques éducatives des parents et l’expérience des enfants” (As práticas educativas parentais e a experiência de crianças, 2005), se originou igualmente desse projeto.

9

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Você já falou das suas origens gregas. E como foi o seu percurso intelectual após a aposentadoria, as continuidades e as mudanças nos seus projetos atuais?*

Cléopâtre Montandon: Eu não tinha me interessado muito pela Grécia nos meus estudos universitários e na minha vida profissional. Quando me aposentei, eu me aproximei da associação greco-suíça chamada Jean-Gabriel Eynard (1775, Lyon-1863-Genebra), cuja denominação vem desse patricio genebrino, um grande fileleno. O movimento do Filelenismo³ se despertou em toda a Europa quando se desencadeou a guerra da independência grega (também conhecida como Revolução Grega, de 1821 a 1829), pois a Grécia havia sido ocupada pela França, depois pelos otomanos, por cerca de 400

anos. Esse movimento de filelenos que apoiavam a independência grega teve repercussões em todo o mundo, na Alemanha, na Suíça, e até mesmo em alguns países latino-americanos. Eynard havia contribuído financeiramente na época para a revolução grega, do ponto de vista militar e como parte de movimentos filantrópicos. Eu era presidenta desta associação, e em 2021 participei da comemoração do 200º. aniversário da independência da Grécia. Também dei palestras e escrevi alguns textos sobre o assunto.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Podemos ver que você ama tanto a história quanto a sociologia.*

Cléopâtre Montandon: Sim. Sempre me interessei pelos temas sociológicos e históricos. De qualquer forma, em todos os trabalhos que realizei, sempre trabalhei com história. Antes de trabalhar com a sociologia da infância, a partir do momento em que me interessei pelo assunto pesquisei a história da infância. E então, é claro, havia livros sobre o tema, como a obra de Philippe Ariès (*História social da infância e da família*, 1978), ou ainda as obras de Egle Becchi e Dominique Julia (1998). Mas eu estava interessada porque é disso que se tratava: temos ideias sobre a infância, mas também temos que ver como essas ideias evoluíram no tempo. Antigamente, a criança era considerada como uma tábula rasa ou como um selvagem que era preciso ser civilizado, ser submetido; e era necessário inculcar na criança, no seu pensamento, as bases da cultura e da vida social global. Foi o que levou às teorias da socialização, como a de Durkheim (1934) e a de Parsons (1964), que eram, então, as teorias sociológicas predominantes sobre a socialização da criança. Não se levava em conta o fato que as crianças são também atores sociais de pleno direito, e que eles contribuem na construção social.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Justamente falando sobre o seu artigo que trata da autonomia das crianças, você escreveu que a reflexão sobre a autonomia tem uma longa história, assim como aquela sobre o desenvolvimento de crianças mais autônomas, e que para isso as crianças devem ter novos direitos. Ao contrário, para outros, a vida das crianças tem se tornado mais controlada e sujeita às instituições. Assim, as crianças têm mais direitos e se beneficiam de mais proteção, mas elas exercem menos responsabilidade e têm menor liberdade*

de ação. Em outras palavras, quando pensamos hoje sobre liberdade e direitos das crianças, sempre nos encontramos em um dilema entre mais controle, mais proteção e menos liberdade. Já se passaram quase três décadas, desde que você escreveu algo sobre essa ideia. O que você pensa sobre essa ideia hoje, considerando as dificuldades políticas, educacionais, sociais e ambientais do mundo contemporâneo?

Cléopâtre Montandon: Não sei se me expressei dessa forma, mas talvez a questão da autonomia infantil pudesse ser reformulada um pouco. Não sei como responder, porque realmente não acompanhei as discussões recentes, mas me parece que atualmente, e sempre, os psicólogos, e agora os neurocientistas, ainda têm o predomínio sobre a questão da autonomia das crianças. É verdade que, por exemplo, os trabalhos sobre a sociologia da infância tentaram mostrar outras perspectivas, mas ainda continuamos sob a predominância daquelas influências. Agora, no que diz respeito às próprias crianças, e seus direitos, acho que, em todos os casos, foram feitos progressos. Há pessoas que, dentro da estrutura de organizações internacionais, estão tentando, digamos, agregar mais estudos científicos sobre as crianças e sobre a infância. Mas, será que na população em geral teria havido mudanças? Às vezes existe uma real preocupação, mas eu não estou certa disso, porque é preciso levar em conta os diferentes contextos sociais, as diferentes culturas. Por isso que é muito difícil responder a essa pergunta. Em alguns meios sociais, as crianças realmente assumiram muita importância, tudo é feito para elas, elas são controladas de uma maneira diferente de como costumavam ser, mas ainda são controladas. Não podemos responder a isso muito bem, pelo menos não com base em pesquisas ou estudos.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Há também algo da nossa geração sobre a crise da influência da escola na socialização, diante da concorrência da internet e das mídias sociais, bem como a reação tradicionalista das famílias que buscam recuperar o controle social perdido sobre seus filhos. Como a sociologia da infância compreenderia esses movimentos atuais de influência na socialização das crianças?*

Cléopâtre Montandon: É uma pergunta interessante. Mas, mais uma vez, quando leio os artigos... é muito contraditório. Há quem diga, por exemplo,

que a internet, o uso de smartphones e tudo o mais estão distanciando as crianças de suas famílias ou, digamos, que elas estão sendo submetidas a influências indesejadas. Mas, por outro lado, há aqueles que dizem justamente ao contrário: é bom que as crianças tenham a oportunidade de se beneficiar de uma educação tecnológica mais ajustada com a situação atual. Sim, isso é exatamente o tipo de problema que não tínhamos antes e, quem sabe, seja uma questão do nosso tempo para a qual devemos dar respostas.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Uma questão antes de tudo política e ideológica: o conflito entre a escola pública laica e a educação familiar das crianças reapareceu no mundo de hoje. Podemos ver nesse ressurgimento uma luta ideológica que se assemelharia à época de Durkheim, entre setores sociais liberais e racionalistas contra grupos tradicionais e ultraconservadores da sociedade, em particular os religiosos e a nova direita autoritária?*

Cléopâtre Montandon: É verdade, é muito preocupante. Está em toda parte, em todos os países, mais ou menos. Na França, mas também na Alemanha, na Itália, na Polônia e até mesmo na Grécia, os grupos ultraconservadores estão aumentando. Tenho a impressão de que basicamente o grande medo é a imigração, que os africanos, os afegãos, que estão procurando as melhores condições de vida, estão chegando, e que as pessoas estão com medo. Tenho a impressão de que muitas pessoas têm medo disso e que gostariam que os governos fossem ainda mais rigorosos com os imigrantes do que já são agora. E tenho a sensação de que muitos estão se voltando para os partidos de direita, porque são os partidos que prometem mais controle nesse sentido. Acho que é um sentimento de medo. Marine Le Pen disse recentemente que 500 mil imigrantes chegaram à França, mas ela não disse quando nem por quanto tempo, enquanto a França tem mais de 60 milhões de habitantes, então essa população de imigrantes é muito pequena.

Por exemplo, Genebra se tornou a cidade próspera que conhecemos porque pessoas que haviam sido expulsas por suas crenças religiosas de todos os outros países da Itália, França etc. chegaram aqui desde o séc. XVI. Mais recentemente, devido à pobreza, os espanhóis e os portugueses vieram para cá e contribuíram para o desenvolvimento econômico e cultural. Mas sempre há esse medo, que é compreensível até certo ponto, e é preciso dizer que hoje

em dia, com a mídia, com as redes, a menor coisa merece destaque: esse estrangeiro fez isso, aquele estrangeiro fez aquilo. Isso se espalha, há notícias falsas, há o que você quiser. E então as pessoas ficam com medo. E aí você não quer saber de aprofundar sobre estes assuntos, porque as pessoas são racistas sem o admitir explicitamente.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *No Brasil, tivemos avanços no feminismo e no antirracismo nas últimas duas ou três décadas e, por um lado, isso é bom; mas, por outro, isto também tem causado medo em parte da população, incluindo atos de violência, especialmente contra as mulheres.*

Cléopâtre Montandon: Isso mesmo, é outra coisa que gera medo. Em outras palavras, muitas pessoas e grupos passaram a divulgar ideias preconceituosas e retrógradas, como a de que as mulheres têm direitos demais, que as políticas antirracistas oferecem muita coisa e que isso será ruim para as pessoas brancas. Talvez as escolas possam desempenhar um papel na compreensão das diferenças entre as pessoas. Hoje, mesmo do ponto de vista científico das ciências exatas, da genética, podemos ver que não faz sentido criar ou estabelecer diferenças com bases raciais.

13

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Nos sistemas educacionais, também há conflitos entre os atores sociais. Trabalhando na educação de crianças - famílias e escolas, professores e as próprias crianças, que são cada vez mais autônomas e competentes na busca de fontes de informação - todos esses atores agem como tal na interseção de dois mundos sociais. Embora o choque cultural entre a escola e a família sempre tenha existido, isso também está ocorrendo por meio da socialização inversa das crianças sobre os membros adultos da família. Esse fenômeno é ainda mais difundido com a assimilação tecnológica das gerações nativas e digitais, e que se amplia com a popularização dos produtos eletrônicos, mesmo que as classes trabalhadoras estejam se perdendo na confusão, em comparação com as classes médias. O que você pensa sobre essa questão da socialização reversa, com as crianças ensinando os adultos?*

Cléopâtre Montandon: É uma questão muito fluída, extensa como um rio. É fato que as crianças assimilam a tecnologia mais rapidamente do que seus

pais, mas acho que, nesse aspecto, há diferenças para os grupos desfavorecidos. Mas precisamos realizar pesquisas para saber realmente qual é a situação.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Isso quer dizer que as crianças de origem desfavorecida seriam realmente menos capazes? Isso pode ser ainda efeito da influência da sociologia de Bourdieu. Falamos sobre o conceito de capital cultural de Bourdieu, e precisamos nos perguntar muito sobre sua influência na realidade atual. É verdade que o capital cultural geral das crianças carentes é menor, de modo que elas podem ensinar seus pais. Em outras palavras, não seria mais fácil para as crianças de famílias abastadas se adaptarem à tecnologia e à tecnologia digital?*

Cléopâtre Montandon: Essa é uma pergunta que precisaria ser feita em pesquisas. É claro que os pais de origens privilegiadas podem dar a seus filhos mais oportunidades de se atualizarem sobre essas questões. Seja qual for o caso, é uma pergunta muito difícil. Porque quando eu era assistente de pesquisa de Margaret Mead (1970), ela já falava sobre a transformação de culturas e, mesmo naquela época, nos anos 70, tínhamos passado para uma situação em que os filhos podiam ensinar coisas aos pais. Antigamente eram os pais que ensinavam às crianças. Depois, houve um período em que se chegou a um equilíbrio, se preferir, mas agora as crianças (isso foi um pouco premonitório) podem ensinar muitas coisas aos pais, precisamente aqueles conhecimentos de natureza técnica. Por um lado, você poderia imaginar que as crianças desfavorecidas, já que na escola elas têm novos conhecimentos e com seus amigos elas aprendem certas coisas técnicas, poderiam transmiti-las aos seus pais. Mas isso não é suficiente. Porque isso não vai substituir as vantagens estruturais do capital cultural das classes médias e altas de que Bourdieu (1979) falava e que de fato existe nas famílias mais favorecidas.

Adir Luiz e Maria Patrícia: *A partir da perspectiva tradicional de educação e de socialização, inspiradas nas ideias de Durkheim no início do século XX, entendemos que a importância da escola não é apenas cognitiva, mas também é uma instituição fundamental que é encarregada da socialização da infância. No mundo de hoje, a escola deveria estar ainda mais preocupada*

com a socialização do que com o conteúdo cognitivista. De fato, agora as crianças têm um acesso ampliado a muitas outras fontes de conhecimento que concorrem com o ensino escolar. Como você vê essas relações hoje? Haveria uma tensão moral e escolar menor para a socialização das crianças?

Cléopâtre Montandon: De acordo com a abordagem escolar durkheimiana, a escola é fundamental para a socialização das crianças, mas isso sempre foi menos importante do que os próprios conhecimentos cognitivos. Durkheim (1934) tratou da diferença entre instrução e educação; naquela época, pensava-se que a escola serviria para instruir, enquanto a educação seria tarefa dos pais. Hoje em dia, cada vez mais matérias estão sendo introduzidas na escola que não são apenas instrução, mas que têm relação com a educação; a educação sexual; a educação ética, quando falamos de questões morais. No entanto, acho que esse é o grande problema para os professores, o de ver que eles não têm mais tempo em suas atividades escolares. Os professores não têm mais tempo, porque eles não podem fazer tudo. Contudo, é preciso justamente que os professores se voltem mais para a educação, porque há muitos estrangeiros chegando e, se quisermos integrá-los, é importante ter no ensino das escolas certos aspectos além da pura instrução. Porque, no final das contas, hoje, você pode facilmente obter informações sobre qualquer conteúdo escolar na Internet.

15

Adir Luiz e Maria Patrícia: *Uma outra pergunta sobre a socialização escolar das crianças que é muito longa de elaborar. Na verdade, seriam três perguntas sobre a questão de fundo das práticas escolares voltadas à socialização da infância. Para realizar uma pesquisa participativa e aplicada nas escolas, usando a abordagem da sociologia da infância, o desafio seria o de incentivar os professores a entenderem e aplicarem os conceitos sociológicos sobre os processos cotidianos de socialização das crianças. No Brasil, mas também em outros países, por exemplo, visitamos escolas na Espanha. Em ambos os países, mas também na França e em Portugal, é sabido que há tentativas na educação infantil para valorizar o controle do comportamento social para fins pedagógicos, de disciplina e moral, de recompensas e até de punição. Isso mostra como é difícil implementar estratégias mais democráticas e cívicas, como a negociação e o envolvimento das crianças em sua socialização.*

Como podemos mudar as representações e práticas dos professores e das escolas em relação a uma ideia mais participativa de socialização? Como os professores podem sair da indiferença pedagógica ou da ignorância científica sobre as bases sociológicas e psicológicas da socialização? E por que os professores continuam culpando as famílias pelas dificuldades de convivência social de seus filhos?

Cléopâtre Montandon: Quando eu lecionava sociologia da educação aqui na Universidade de Genebra, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, minhas referências de ensino, pelo menos nos primeiros anos, eram voltadas para psicólogos, por um lado, e para futuros professores, por outro. E descobri que a maioria dos professores estavam interessados nos conceitos de socialização e na sociologia da infância que tentei transmitir. Também hoje, acho que de qualquer forma há uma certa aproximação com as famílias (Montandon, 2001, 2005). Aqui em Genebra, houve uma melhora, tanto no nível dos professores, que têm uma melhor compreensão desses conceitos sociológicos, quanto no plano prático, do fato de que é importante poder conversar com os pais, mesmo que seja difícil. Mais uma vez, os grupos desfavorecidos, que esperam muito da educação escolar, costumam ser muito críticos diante do trabalho dos professores, porque mesmo se a formação docente tenha avançado na compreensão das condições sociais das famílias, os pais se tornaram ainda mais exigentes do que antes. Isso coloca os pais e os professores em uma situação mais difícil. Também constatei isso na Grécia, onde há disputas e discussões sobre o papel da escola. A profissionalização dos professores exige “um trabalho sobre o trabalho”, como diria um colega da UNIGE, Olivier Maulini (Professor na UNIGE. Responsável pelo LIFE-Laboratoire Innovation-Formation-Education (Laboratório Inovação, Formação e Educação)).

Adir Luiz e Maria Patrícia: *No Brasil, é muito difícil ter uma compreensão mais sociológica dos problemas que os professores têm em suas relações com as famílias. Mas, também já se identificou que, especialmente em sua formação inicial, os professores não recebem muita orientação sociológica básica, como aquela que poderia vir da parte da sociologia da educação e da sociologia*

da infância (Ferreira; Oliveira, 2018). Como essas coisas funcionam aqui na Suíça?

Cléopâtre Montandon: De qualquer forma, quando eu estava na universidade, tive esse ensino que era voltado para os professores, mas as coisas também mudam, porque o professor que vem depois poderia dar mais peso a outros aspectos sociológicos na prática escolar. Pois a sociologia da infância progrediu muito, isso é claro, há muitos trabalhos sobre o tema, como os estudos de Allison James e Alan Prout (1990), no Reino Unido, William Corsaro (2015), nos Estados Unidos, e Régine Sirota (2006), na França, entre outros, trouxeram uma grande contribuição. Mas não sei se a sociologia da infância conseguiu verdadeiramente se tornar uma área científica por si só. Porque me lembro de quando estava estudando sociologia da educação e da família, costumávamos dizer: por que haver uma sociologia da infância? As crianças são tratadas na sociologia da educação e igualmente na sociologia da família. Então, por que uma sociologia da infância? Porque os sociólogos, fossem eles marxistas, parsonianos ou funcionalistas, não entendiam que a criança fosse algo além de um idiota cultural. Em resumo, eles não aceitavam que as crianças também pudessem participar como atores em sua própria socialização. Foi preciso muito esforço para mudar essa ideia, pois a sociologia da infância não era realmente aceita como um domínio científico sério. Mas acho que atualmente a situação está melhor.

17

Adir Luiz e Maria Patrícia: Então, para finalizar, qual seria o papel da sociologia, especialmente da sociologia da educação, e da socialização para a infância?

Cléopâtre Montandon: O que faz um sociólogo? Ele está sempre questionando, desconstruindo. Porém, é preciso ser prudente quando se constrói conceitos e quando se reflete sobre como eles serão usados na prática. É por isso que os sociólogos nunca devem estar satisfeitos com o estado dos conhecimentos. Por exemplo, sobre o conceito de socialização, que, para mim, continua sendo central, mas que a socióloga finlandesa Leena Alanen (Alanen; Lessa, 2017) tem outra posição, quando afirma que a socialização não é mais um conceito fundamental a ser considerado pela sociologia da infância. Entretanto, eu sempre pensei que era muito importante continuar a

usá-lo, porque não é mais o conceito original de socialização unilateral, com o qual falávamos sobre a influência dos pais ou da escola sobre as crianças, mas, ao contrário, é um conceito que foi desconstruído e reconstruído por constantes movimentos teóricos sociológicos. Não é o mesmo conceito usado por Durkheim (1922), ou mais tarde, aquele usado pelos interacionistas, como George Herbert Mead (1934). Não é o mesmo conceito, tendo sido objeto de novas discussões e proposições. Habermas (1984), por exemplo, mostrou a importância da discussão para a busca na verdade, particularmente nas sociedades tecnocráticas contemporâneas. É claro que a sociologia foi muito influenciada pelo trabalho de Pierre Bourdieu (1964), que nos abriu os olhos para algumas coisas muito importantes, como o papel oculto da escola para a reprodução das desigualdades, mas, ao mesmo tempo, ele tinha uma visão muito determinista.

18 **Adir Luiz e Maria Patrícia:** *Foi uma oportunidade de ouro ter podido fazer essa entrevista, com ares de leveza e sabedoria de uma aula magistral, sobre a importância fundamental para a educação que pode trazer uma compreensão sociológica, nos seus sentidos conceituais e aplicados abertos e inovadores. Ainda que as suas pesquisas tenham apontado, desde os anos 1990, a necessidade de que a sociologia abrisse novos campos críticos para investigar a vida social das crianças, como a sociologia das emoções, a sociologia da família e a sociologia da infância, esses temas centrais ainda precisariam ser mais desenvolvidos nas ciências sociais e na educação. Isso é ainda mais urgente especialmente diante dos desafios contemporâneos (crise ambiental, crise social, mudanças tecnológicas) para a educação da infância. Isso inclui necessariamente a reconsideração da atuação das crianças na própria socialização e a desconstrução educacional que o mundo adulto precisa ter sobre elas. E, assim, encerramos e agradecemos por essa entrevista, com tantas pistas deixadas para novas pesquisas, e com o rico relato do seu percurso de professora e de pesquisadora da sociedade, da educação e da infância.*

Notas

1. Prêmio criado em 1967 para recompensar os jovens autores de relevantes pesquisas em história da medicina e das ciências naturais. O prêmio é atribuído pela Sociedade Suíça de História da Medicina e das Ciências Naturais, em homenagem ao médico e historiador suíço Henry Sigerist (1891-1957), que promoveu a socialização da medicina através de um seguro-saúde obrigatório e público. Ver: <https://sggm.ch/fr/prix-sigerist/>
2. Conhecida como Rapa Nui, na língua local, está localizada na Polinésia oriental, no Oceano Pacífico, há cerca de 3.700km da costa do Chile, fazendo parte da província chilena de Valparaíso. É uma das ilhas mais isoladas no mundo, famosa por suas estátuas gigantes, os moai; ocupada por povos polinésios nativos desde os séc. IV-V, com os europeus chegando em 5 de abril de 1722, um domingo de Páscoa, daí o nome da ilha, que permanece até hoje.
3. O movimento do Filelenismo surgiu por causa do grande número de simpatizantes da causa da independência grega, intelectuais, artistas e personalidades políticas, devido à influência clássica da Grécia e, na época, teve grande repercussão internacional, na Europa, nos Estados Unidos, e até mesmo na América do Sul.

Referências

ALANEN, Leena; LESSA, Juliana Schumacker. Apresentação: "Teorizando a infância". **Revista Zero-a-Seis**, v. 19, n. 35, p. 3-10, jan./jun. 2017.

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BECCHI, Egle; JULIA, Dominique. **Histoire de l'enfance**. Paris: Seuil, 1998 (Tome I: de l'Antiquité au XVIIe siècle. Tome II: du XVIIIe siècle à nos jours).

BOURDIEU, Pierre. **Les héritiers**: les étudiants et la culture. Paris: Les Éditions de Minuit, 1964.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**. Critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

DUFFIN, Jacalyn. **Stanley's Dream**. The Medical Expedition to Easter Island. Montréal: McGill-Queen's University Press, 2019. (v. 247).

DURKHEIM, Émile. **L'éducation morale**. Paris : Librairie Félix Alcan, 1934.

DURKHEIM, Émile. **Éducation et sociologie**. Paris: Presses Universitaire de France [1922], 1966.

FERREIRA, Adir Luiz; OLIVEIRA, Maria Patrícia Costa. A compreensão sobre socialização e criança na educação infantil: o que muda com o curso de pedagogia? **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 50, p. 269-330, out./dez. 2018

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 2018

HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action**. Reason and the rationalization of society. Boston, Beacon Press, 1984. (v. 1).

HOCHSCHILD, Arlie R. **The managed heart**: commercialization of human feeling. Berkeley, University of California Press, 1983.

JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and reconstructing childhood**. London: Falmer Press, 1990.

KELLERHALS, Jean; MONTANDON, Cléopâtre. **Les stratégies éducatives des familles**. Milieu social, dynamique familial et éducation des préadolescents. Genève: Delachaux et Niestlé, 1991.

MAULINI, Olivier. **Métier d'enseignant et professionnalisation**: discuter les injonctions, démocratiser l'institution. Genève: UNIGE/FAPSE, 2002.

20 MEAD, George Herbert. **Mente, self e sociedade**. Charles W. Morris (org.). Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2010. (Título original: *Mind, Self & Society*. Chicago, Illinois: University of Chicago, 1934).

MEAD, Margaret. **Culture and Commitment**: a study of the generation gap. Garden City, N.Y.: Doubleday for the American Museum of Natural History, 1970.

MONTANDON, Cléopâtre. **Sociologie de la déviance**: éléments d'une analyse conceptuelle, dans *Contributions à l'analyse sociologique de la Suisse*. Genève, Société Suisse de Sociologie, 1974.

MONTANDON, Cléopâtre; CRETAAZ, Bernard. Paroles de gardiens, paroles de détenus. **Bruits et silences de l'enfermement**. Paris-Genève, Masson-Médecine et Hygiène, 1981.

MONTANDON, Cléopâtre; HARDING, Timothy W. The reliability of dangerousness assessments: a decision-making exercise. **The British Journal of Psychiatry**, v. 144, n. 2, p. 149-155, feb. 1984.

MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe. **Entre parents et enseignants**: un dialogue impossible? Vers l'analyse sociologique des relations entre la famille et l'école. Berne CH: Peter Lang, 1987.

MONTANDON, Cléopâtre. La Socialisation des émotions : un champ nouveau pour la sociologie de l'éducation. **Revue Française de Pédagogie**, v. 101, p. 105-122, 1992.

MONTANDON, Cléopâtre. Promesses et limites de l'explication en sociologie: Quelques réflexions sur la pensée sociologique de Jean Piaget. **Revue Européenne des Sciences Sociales**, v. 34, n. 106, p.113-132, 1996.

MONTANDON, Cléopâtre; OSIEK, Françoise. Children's perspectives on their education. **Childhood: a Global Journal of Child Research**, v. 5, n. 3, p. 243-263, aug. 1998.

MONTANDON, Cléopâtre. La sociologie de l'enfance: l'essor des travaux en langue anglaise. **Education et Sociétés**, n. 2, p. 91-118, 1998a.

MONTANDON, Cléopâtre. Une question sans cesse renouvelée: déterminismes sociaux et liberté humaine. **Itinéraire de Recherche-Perspectives documentaires en éducation**, n. 45, p. 1-18, 1998b.

MONTANDON, Cléopâtre. The negotiation of influence: children's experience of parental educational practices. In Alanen, L.; Mayall, B. **Conceptualising child-adult relationships**. London: Falmer Press. 2001.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 33-60, mar. 2001. (La Sociologie de l'enfance : l'essor des travaux en langue anglaise.

MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe. **Entre pais e professores**: um diálogo impossível? Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola. Oeiras/Portugal: Celta Editora, 2001.

MONTANDON, Cléopâtre. Le monde émotionnel des enfants à l'école : Pauline, Laura, Nicolas, Sébastien et les autres. In: POURTOIS, J.-P; MOSCONI, N. Mosconi (eds.). **Plaisir, souffrance, indifférence en éducation**. Paris: PUF, 2002.

MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, maio/ago. 2005.

MONTANDON, Cléopâtre. De l'étude de la socialisation des enfants à la sociologie de l'enfance: nécessité ou illusion épistémologique. In: SIROTA, Régine (dir.). **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

MONTANDON, Cléopâtre; LONGCHAMP, Philippe. Você disse autonomia? Uma breve percepção da experiência das crianças. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007.

MONTANDON, Cléopâtre (Ed.) **Regards sur le philhellénisme**. Genève, Mission permanente de la Grèce auprès de l'ONU à Genève, Consulat général de Grèce à Genève, Association gréco-suisse J.G. Eynard/Atelier d'impression de l'Université de Genève, 2008.

PARSONS, Talcott. **The social system**. New York, N.Y.: Free Press of Glencoe, 1964.

SIROTA, Régine (dir.) **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2006.

Prof.ª Drª Cléopâtre Montandon
Université de Genève (Suíça)

Faculté de Psychologie et Sciences de l'Éducation (aposentada)
Orcid id: <https://orcid.org/0009-0001-4989-6376>
E-mail: cleopatre.montandon@bluewin.ch

Prof. Dr. Adir Luiz Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Educação
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-6102-9769>
E-mail: adir.ferreira@ufrn.br

Prof.ª Ms. Maria Patrícia Costa de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)
Pró-Reitoria de Graduação/Diretoria de Desenvolvimento Pedagógico
Orcid id: <https://orcid.org/0009-0001-0069-8125>
E-mail: patricia.oliveira@ufrn.br

Recebido em 15 ago. 2025

Aceito em 23 set. 2025



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.